

A grande ilusão

Rubem Azevedo Lima

As análises políticas sobre os possíveis resultados do segundo turno da eleição presidencial têm considerado, principalmente, as qualidades e os defeitos dos dois candidatos à sucessão, relegando a plano secundário a realidade exterior, que se prenuncia das mais problemáticas para o Brasil, em 1990.

Ninguém é perfeito e tanto Lula, do PT, quanto Collor, do PRN, têm também suas imperfeições, que se somam, limitativamente, às dos esquemas políticos que os apóiam ou aos compromissos que assumiram durante a campanha eleitoral.

A maior parte do eleitorado que contribuiu para a disputa final entre os candidatos do PT e do PRN, e que agora decidirá a eleição entre ambos, alimenta a esperança de modificações profundas no perfil político, econômico e social do País.

De um lado, após trinta anos de eleições indiretas, durante os quais as decisões de governo foram tomadas sistematicamente à revelia do povo, era natural que assim fosse. Mas, além disso, no afã de se afirmarem eleitoralmente, os dois finalistas, e, de resto, quase todos os candidatos, em geral, prometeram, nos palanques, mais do que poderiam realizar no governo.

E pouco provável, se não impossível, que as mudanças tão esperadas pelo povo proporcionem resultados positivos, a curto prazo. Em consequência, é previsível que o País experimente uma nova frustração, no plano político e social,

idêntica à que teve por ocasião do Plano Cruzado.

De mais a mais todas as providências capazes de mudar para melhor a dramática situação do Brasil são antipáticas e, por isso, pouco palatáveis. Mas, ou são implementadas em cima do êxito eleitoral — enquanto o governo vitorioso nas urnas dispõe de credibilidade e de um mínimo de adesão popular — ou não se implementam nunca.

Sucede, ainda, que o futuro governo, a menos que o presidente Sarney renuncie a parte de seu mandato, toma posse em 15 de março de 1990. Sete meses e 10 dias depois, estarão sendo eleitos quase quinhentos deputados federais, mais de mil deputados estaduais, um terço do Senado e novos governadores. Nesse curto prazo de tempo, que partidos concordarão em apoiar, no Congresso, medidas purgativas, mas indispensáveis e inadiáveis, para recolocar o Brasil nos eixos?

Lula e Collor têm, ainda, uma oportunidade — o debate de logo mais, na televisão — para dizerem, honestamente, ao povo, que a vitória, no próximo dia 17 só resultará benéfica aos brasileiros se eles estiverem dispostos a sacrifícios. Mas sacrifícios para todos e não apenas da parcela majoritária da Nação, que tem sofrido até aqui, sem nenhum proveito. Para ganhar a guerra contra o subdesenvolvimento, o Brasil, em vez de ilusões, terá de seguir, por um razoável período, a receita de Churchill; sangue, suor e lágrimas. Mas, repita-se, de todos. Ou a guerra estará perdida.